

A metamorfose em Cega-Rega: a arte da (re)construção do sujeito

[Metamorphosis in Cega-Rega: the art of subject's (re)construction]

Lucia Maria Domingues Weber¹

¹ PG-Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO – Guarapuava/PR
lu@unicentro.br

Abstract. This paper considers a quarrel about a subject transformation, represented for a buzzer, in “Cega-Rega” story, by Miguel Torga. The story portrays the buzzer’s evolution, that recognizes herself while subject, in all directions after a period of incubation, and her contact with the exterior world.

Keywords. Cega-Rega, Miguel Torga, metamorphosis.

Resumo. Este artigo propõe uma discussão sobre a transformação do sujeito, representada por uma cigarra, no conto “Cega-Rega”, de Miguel Torga. O conto retrata a evolução de uma cigarra que se reconhece enquanto sujeito, em todos os sentidos após o seu período de incubação e o seu contato com o mundo exterior.

Palavras-chave. Cega-Rega; Miguel Torga; metamorfose.

1. Introdução

“Viver é a coisa mais rara do mundo.
A maioria das pessoas apenas existe.”
Oscar Wilde

Há obras que refletem a trajetória de vida de um escritor e estas revelam ao mundo, por meio das palavras mais subjetivas, os pensamentos e os sentimentos mais recônditos de sua alma e seu coração. Aos leitores cabe desvendar os caminhos misteriosos desses vastos mundos desconhecidos, interiores, profundos. Dessa forma, primordial para os estudos literários é estudar a contribuição deixada na obra de Adolfo Correia da Rocha, conhecido simplesmente pelo pseudônimo Miguel Torga.

Filho de camponeses e nascido em uma aldeia transmontana em Portugal, Miguel Torga conheceu de perto a pobreza. Na esperança de tempos melhores, chegou a frequentar o seminário, mas como não tinha vocação para o sacerdócio e não se sentia feliz naquele ambiente, teve como destino a triste sorte de muitos outros portugueses menos afortunados: as terras brasileiras. Estrangeiro, em um país distante e morando com parentes, Miguel Torga padeceu com os trabalhos do campo e resolveu retornar a Portugal. Já em Coimbra, formou-se em Medicina, e assim, o médico-escritor revelou no legado de sua obra, a nação portuguesa e os valores que tinha como prioritários em suas concepções enquanto homem e cidadão. É o próprio Torga quem diz em sua obra “A Criação do Mundo” – “O tempo acabara por me ensinar que não há espelho mais transparente do que uma página escrita. É nela que fica testemunhada para todo o sempre a verdade irreversível do autor: a sua autenticidade se foi

sincero, e a sua falsidade, se mentiu.”.

Miguel Torga foi capaz de compreender as fraquezas e inquietudes humanas e transformá-las em palavras. Torga, o homem político, social e humano, apontou seus princípios na feitura de suas obras, que são verdadeiramente uma extensão do homem Miguel Torga. De suas obras, um destaque especial deve ser dado à antologia *Bichos*, lançada no ano de 1940, a qual compreende contos sobre histórias de animais com sentimentos humanizados e homens com características animais.

Sobre *Bichos*, FREIRE (1990, p. 130) aponta que:

Aos animais empresta o autor de *Bichos*, sentimentos humanos, desde os mais delicados aos mais abrutalhados. Os bichos monologam como seres humanos.

Assim como o criador, a criação *Bichos* é transparente, simples. Concisa, a obra contém um vocabulário rico que traz expressões da cultura transmontana portuguesa e os sentimentos provenientes daquele povo, reunindo as mais variadas facetas do comportamento humano projetado nos animais. Em um resultado surpreendentemente perfeito, mistos de dor e alegria são compartilhados entre os homens e os animais.

BERARDINELLI (1996, p. 2) acrescenta ainda que:

[...] o livro é marcado pela diversidade de tipos – permita-se que diga *humanos* – e de situações; porque a concisão do discurso não dispensa os momentos de distensão por vezes lírica, em que prazemos com a notação de uma paisagem, de uma reflexão, de uma expansão de alegria, de dúvida, de dor, de amarga decepção.

Bichos foi concebido em plena repressão da ditadura do regime salazarista. Foi reeditado muitas vezes depois, com tradução para diversos idiomas. Além disso, Torga teve influências do *Presencismo*, movimento que teve como proposta uma literatura viva, na qual o homem deveria ter condições de voltar-se para a própria alma e depois refletir. Assim, Torga traduziu por meio de palavras substanciais, idéias como a simplicidade, a solidão e a morte, empregando generosamente a simbologia para a composição dos contos. No prefácio à obra, Torga comprometeu-se em divulgar um trabalho final, fruto de uma criação metamorfoseada, um canto novo, de cigarras e de poetas, e assim o fez.

2. De Bichos e de Homens

No conto *Cega-Rega*, que faz parte da antologia *Bichos*, por meio de uma linguagem quase que poética, Torga retrata a trajetória de uma cigarra desde o seu estágio inicial de larva em uma crisálida até o seu despertar para uma nova vida cercada de incompreensões. O conto se inicia com uma afirmação dura e incisiva. O narrador começa com as seguintes palavras: “*É difícil*” (TORGA, p. 85). Por essa introdução, é de se supor que o conto abordará algo inusitado, nada trivial ou fácil. Se *é difícil*, espera-se algo exigido além das possibilidades. O narrador onisciente revela aos poucos o tema central da narrativa, que é o processo de transformação da cigarra, ou seja, a sua metamorfose, e, principalmente, os sentimentos que permeiam a sua existência, muitas vezes incompreendida e semelhante à vida humana.

A história narrada linearmente retrata um tempo vivencial, da experiência do descobrimento de novas sensações da cigarra ao sair da crisálida. Os espaços propostos em *Cega-Rega* são dois: o primeiro, um lugar especificamente repugnante, a escuridão do monturo. O segundo espaço é a “crista” de um castanheiro, ou seja, o lugar mais alto da árvore, uma expectativa muito além de sua condição primeira. A personagem cigarra, protagonista desta história, apresenta-se com um grau de densidade psicológica muito grande

que a caracteriza como modelada, pois, ao longo da narrativa, adquiriu por meio de sua transformação experiência e auto-confiança suficientes para que suas ações se tornassem marcantes e decisivas.

CHEVALIER (2005, p. 240) afirma que a cigarra é “Símbolo dos termos complementares luz – obscuridade, pela alternância do seu silêncio durante a noite e do seu estridular ao calor do sol”. Saindo da obscuridade que permeava o espaço do monturo, da escuridão e do enclausuramento de sua crisálida, a cigarra partiu para o cimo do castanheiro, mas esse processo não foi fácil, afinal, ela necessitou passar por um longo período de transformação.

A história de Cega-Rega é uma nova versão para a conhecida fábula de La Fontaine “A Formiga e a Cigarra”. Cega-Rega é uma representação da própria condição humana, pois para o homem ao atingir a plenitude do conhecimento, necessita muitas vezes passar por caminhos tortuosos e períodos de reclusão. Para atingir a *crista* do castanheiro é necessário sair do monturo.

Torga utilizou-se do recurso da personificação para demonstrar a evolução da cigarra e ao mesmo tempo demonstrar o processo de transformação do homem. Depois de um período de escuridão, onde esteve se preparando para a mudança, a cigarra viu enfim a luz, ou seja, foi o momento do seu nascimento para uma nova fase. Permanecer no monturo, na putrefação, foi necessário para que a cigarra alcançasse a luz. Neste sentido, o monturo não significou a sua derrocada, pelo contrário, foi ali o início do seu processo de aperfeiçoamento, de conscientização. A ascensão do homem para um nível maior de conhecimento acerca de sua própria existência, necessita também passar por diversas etapas. A caminhada para adquirir sabedoria, para transformar-se, muitas vezes exige modificações de diversas ordens. Tal como a cigarra, a trajetória do homem para alcançar a transformação, quer seja ela física ou psicológica, exigirá muito do próprio homem e será longa e inexorável. Trata-se, portanto, de um “*íngreme calvário*”, como aponta o narrador de Cega-Rega.

Humanista universal, Miguel Torga apresenta na obra traços do *Existencialismo Sartreano*. A alegoria da cigarra representa o pensamento de SARTRE (1987, p. 09): “O homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante.” Não raras às vezes, neste processo de transformação, o sujeito se constrói sozinho e sob a pena do sofrimento, constituindo assim uma semelhança com o caminho travado por Dante para alcançar o Paraíso. Cega-Rega não recebeu auxílio em sua caminhada. Solitária, a cigarra fez a construção do seu *eu*. Sozinha padeceu poder desenvolver a sua consciência de existência, de percepção do seu próprio *eu* em todos os sentidos, não importando o que os outros pensassem a seu respeito, “nada devia aos outros e nada lhes daria, a não ser a beleza daquele hino gratuito” (TORGA, p.86).

3. O significado da metamorfose: do claustro à transformação.

Do estágio de larva à forma de cigarra, Cega-Rega passou pelo processo chamado metamorfose. De origem grega (*metamorphoo*), a palavra metamorfose significa transformação, transfiguração, um processo de mudança, que ocorre naturalmente objetivando a transformação e a evolução dos seres. Em um sentido mais amplo, entende-se por metamorfose um acréscimo de valores que modificam os seres para um estágio de desenvolvimento maior. De acordo com CHEVALIER (2005, p. 608/609), a metamorfose simbolicamente significa:

Que as metamorfoses são expressões do desejo, da censura, do ideal, da sanção, saídas das profundezas do inconsciente e tomando a forma na imaginação criadora. [...] A metamorfose é um símbolo de identificação, em uma personagem em via de

individualização que ainda não assumiu a totalidade de seus eu e ainda não atualizou todas as suas potencialidades.

Cega-Rega com a sua metamorfose não só ganhou asas, mas também consciência e vontades. Tal como as cigarras, o homem muitas vezes ao longo de sua existência, também necessita de uma *crisálida* para ter um momento íntimo, solitário com a própria consciência, para fazer avaliações e reflexões sobre sua conduta, razões, anseios e sentimentos.

As outras personagens do conto, o camponês, a formiga e o pardal, não superaram a fase de crisálida e talvez nunca venham a superar, assim como muitos outros humanos reais. Transformar-se, conforme as palavras de Miguel Torga *é difícil*. Trata-se de um processo lento e tortuoso. A sociedade moderna impõe ao homem rotinas e compromissos que o envolvem diariamente. Pausas para reflexão sobre o próprio comportamento, sobre as próprias ações demanda tempo e vontade, e, na luta cotidiana, não há tempo suficiente para procurar entender a própria subjetividade e tornar-se melhor para poder encontrar-se a si mesmo e alcançar os seus semelhantes.

De acordo com SARTRE (1987, p. 6-7),

Ao afirmarmos que o homem escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos.

Escolher o próprio *eu* como prioridade, como verdadeira relevância dentro de um turbilhão de afazeres diários, *é difícil*. O homem é uma parte do cosmos que evolui diariamente, noite e dia. Para acompanhar essas mudanças, é necessário transformar-se, e, como a cigarra, o homem depende de si próprio e mais ninguém. O momento certo e oportuno para começar essa transformação também é uma decisão que compete a cada indivíduo.

Quando a metamorfose de Cega-Rega chegou ao fim, ela necessitou sair do espaço do monturo para contemplar do alto, ou seja, de fora do monturo, a sua evolução: “(...) apetece-lhe contemplar dum alto miradouro o berço nativo” (TORGA, p. 86). Nesse momento é que ocorre todo o nó da história que desencadeará o clímax da narrativa, pois é lá do alto, após a verificação, a constatação da mudança, que, tomado por uma onda de volúpia, o corpo da cigarra teve o desejo de cantar. Corpo e natureza interagiram, o aprimoramento de sua condição que a levou a um estágio maior de perfeição, chegou ao auge conforme explicitado no trecho que se segue:

Nesse momento, porém, um raio quente de sol caiu-lhe amorosamente sobre o dorso. Contraindo-se de volúpia. E, da plenitude que a empolgou, ergueu-se a voz de triunfo. Não era a vontade que a fazia vibrar. Era o corpo, possesso de contentamento, que, num espasmo total, estridentemente glorificava a própria perfeição atingida. (TORGA, p. 86-87)

O sol que banhou Cega-Rega, além de uma fonte natural de luz, é o próprio símbolo do conhecimento. CHEVALIER (2005, p. 841) aponta que: “O sol aguça a consciência dos limites, é a luz do conhecimento e a fonte de energia”. A cigarra tomada por essa energia vibrante do sol, sentiu seu corpo entregue ao seu verdadeiro propósito, à sua essência, que era cantar, sublime em sua perfeição. No entanto, homens e animais não compreendiam os desígnios do destino da cigarra e o seu contentamento era uma espécie de afronta à regra geral

daquela sociedade, que gerou o conflito da narrativa. O camponês cansado do árduo trabalho desejava o silêncio: “Suado e soturno, a mourejar de manha à noite, queria o silêncio à volta”. (TORGA, p. 87). Também as outras espécies animais se juntaram à fala do camponês, como a formiga, que não gostava da preguiça e da alegria da cigarra, pois era programada para o trabalho, e justificava a sua posição com as necessárias providências para o inverno “A alegria passa-lhe... É deixar vir o inverno”. (TORGA, p. 87).

A formiga não tem a consciência de sua existência tal como a cigarra. Ela tem a finalidade única de trabalhar. CHEVALIER (2005, p. 447) diz a respeito do símbolo *formiga* “A formiga é símbolo da atividade industriosa, da vida organizada em sociedade, de providência, que La Fontaine leva até o egoísmo e a avareza”. A cigarra não desperdiçaria o seu tempo com o trabalho, pouco se importando se os dias correriam e o inverno estaria por vir. Gostava de ser *imprevidente* (TORGA, p. 87).

Também a compreensão do pardal a respeito de sua existência não extrapolava o absurdo da concepção “a existência a saltar de migalha em migalha”. (TORGA, p. 87). Definitivamente não era esse o propósito de vida da cigarra, ela não passou por toda uma transformação que a transcenderia à toa. Consciente de sua existência, a cigarra decidiu ser livre ao contrário do camponês, da formiga e do pardal. Essa noção de liberdade condiz com a teoria sartreana do *ser-para-si*:

A teoria sartreana do ser-para-si conduz a uma teoria da liberdade. O ser-para-si define-se como a ação a primeira condição da ação é a liberdade. O que está na base da existência humana é a livre escolha que cada homem faz de si mesmo e de sua maneira de ser. (SARTRE, 1987, p. XI)

O narrador afirma ainda no conto que a cigarra pensava que a vida não se resumiria em trabalhar: “Como se trabalhar fosse um destino!” (TORGA, p. 87). A cigarra consciente de sua existência e liberdade não se privou do direito de ser feliz, mesmo contra todas as previsões.

4. Um amigo, o poeta.

Cega-Rega pode ser também considerada como uma própria representação da transformação do processo criativo de Miguel Torga. A cigarra passou pelo “calvário” das várias estações até o surgimento de suas asas que a levaram para o ponto mais alto de sua existência, e assim poder cantar. Dessa forma, a cigarra assume as mesmas características de seu criador: Torga não calou a sua voz, sempre acreditou na vida, na renovação e sua obra representa tudo isso, pois seu canto nunca se calou diante das injustiças sociais.

O processo criativo de Torga também foi permeado por momentos de reclusão e para atingir a perfeição. A essência do ser é aprimorada durante o processo de incubação. O escritor Torga também assim fazia, escrevia e reescrevia para atingir a perfeição:

O material que manda para a tipografia leva, não raro, vários remendos colados uns sobre os outros. Quando manda as laudas para a tipografia, elas chegam a ter sete e oito colagens, ficando quase com dois milímetros de espessura – diz o P. Valentim, director da Gráfica. (FREIRE, P. 24-25).

Em sua crisálida a cigarra reuniu toda a energia que precisava para chegar à perfeição, a força que necessita para ver e reconhecer a luz. O homem transformado, sente-se mais forte, mais perfeito, remodelado e dá um sentido maior à sua vida para poder unir-se ao “*Coro universal*”, conforme proposto em *Cega-Rega*. Esta é também uma das características do pensamento sartreano:

Podemos dizer que há uma universalidade do homem; porém, ela não é dada, ela é permanentemente construída. Construo o universal, escolhendo-me; construo-o entendendo o projeto de qualquer outro homem, de qualquer época que seja. (SARTRE, 1987, p. 16)

O personagem poeta, não é avesso a essa necessidade humana de crescimento, de reflexão sobre o mundo e sobre o próprio eu, e portanto, desempenha um papel importante como incentivador da cigarra no conto. O poeta sabe a importância do *cantar*, porque extrai a essência das coisas para transformá-las em palavras. O processo de metamorfose de simples objeto para *belo* sofre o mesmo processo da cigarra. Como a cigarra, o poeta tem a idéia e a incuba durante algum tempo para amadurecê-la e transformá-la em arte. A cigarra então se identifica com o poeta: “O poeta! Louvado seja Deus!”. (TORGA, p.88). Nessa relação, CHEVALIER (2005, p.198) diz que a cigarra “tornou-se atributo dos maus poetas, de inspiração intermitente”. O poeta é o incentivador da cigarra, para que ela se faça ouvir, tenha vez e voz, alcançando assim o seu espaço, conforme afirma o narrador: “desde que haja coragem dentro de nós, tudo se consegue” (TORGA, p. 85).

O poeta era um irmão, que, tal qual a cigarra, acreditava que a vida sobrepunha-se à morte. A cigarra sabiamente encarava a perspectiva da morte: o fim poderia estar próximo, mas ela não se permitia deixar de cantar o presente e pensar no futuro sombrio. Assim como a formiga estava para o camponês, a cigarra estava para o poeta. Neste sentido, toda a transformação do cosmos, do espaço onde se vive, da realidade social em que o sujeito está inserido, tudo isso projeta no indivíduo uma necessidade de renovação, de repensar o sentido da sua existência.

Todo indivíduo é potencialmente capaz de se superar, desde a mínima realização de uma atividade cotidiana até a tarefa mais complexa. Torga expressou em *Cega-Rega* que essas potencialidades do indivíduo são plenamente atingidas por meio do processo de transformação: a evolução por meio da metamorfose, mesmo que contra tudo e contra todos e, ainda que a ameaça dos olhos frios do *Outubro* estejam à espreita, mirar-se no exemplo da cigarra e do poeta, é acreditar que a força da vida sempre vencerá a morte.

5. Referências

- BERARDINELLI, Cleonice. *De bichos e de homens*. IN: TORGA, Miguel. Bichos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos*: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Tradução de Vera da Costa e Silva (et. al.). 19 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. *Operadores de leitura da narrativa*. IN: Teoria Literária: abordagens históricas e contemporâneas. 2 ed. Maringá: EDUEM, 2005.
- FREIRE, António. *Lendo Miguel Torga*. Porto: Edições Salesianas, 1990.
- LEPECKI, Maria Lúcia. *Miguel Torga – Diário XIII, o homem, o tempo, a terra*. IN: Sobreimpressões: Estudos de literatura portuguesa e africana. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa em perspectiva - Simbolismo Modernismo*. Vol. 4. São Paulo: Atlas, 1994.
- _____. *A Literatura Portuguesa*. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Coleção “Os Pensadores”. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correa Guedes, Luiz Roberto Forte, Bento Prado Júnior. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SEIXAS, Cid. *Os sonhos do sujeito e sua construção social*. IN: TORGA, Miguel. *Novos Contos da Montanha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

TORGA, Miguel. *Bichos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.